

INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE PARA O MOVIMENTO

Geovane Silva Ramirez
Daniela Bento-Soares
Ademir De Marco

Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

Estudos demonstram que atividades motoras de bebês não são privilegiadas em ambientes de creche/escola, provavelmente pelo déficit teórico dos(as) profissionais ou também pela falta de infraestruturas que potencializem intervenções na maioria das instituições de Educação Infantil. O objetivo deste estudo é demonstrar o processo de elaboração e instalação de um ambiente de incentivo ao movimento de bebês de seis a 18 meses. Foi planejada e instalada a Sala “Cri Cri - Espaço para a Criança Criar”, ambiente seguro para a prática de vivências motoras, em um berçário de Campinas-SP. A proposta foi norteada pelo método de pesquisa-ação e realizada em conjunto com as educadoras, demonstrando que espaços e materiais devem ser pensados e organizados de maneira que proporcionem ambientes seguros, acolhedores e desafiadores. Este processo contribuiu para o pensar de possibilidades motoras para bebês em ambiente de creche/escolar, demonstrando que propostas como essa são possíveis e fáceis de serem adaptadas.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Infantil. Ambiente Pedagógico. Berçários.

EDUCATIONAL INTERVENTION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE IMPORTANCE OF THE ENVIRONMENT FOR MOVEMENT

ABSTRACT

Research demonstrates that babies' motor activities in daycares aren't privileged in kindergarten/school environments, probably due to the theoretical unfamiliarity of professionals or due to the lack of physical structure that potentiates such action in most of childhood education institutions. The objective of this study was to demonstrate the process of elaboration and installation of an environment to encourage the movement of babies from 6 to 18 months. The “Cri Cri – Space for the Child to Create” room (a safe environment for the practice of motor experiences) has been designed and installed in a daycare center in Campinas-SP. The purpose has been handled through the Research-Action method and accomplished in partnership with the educators, demonstrating that spaces and materials should be thought and organized in a way that provides a safe, welcoming and challenging environment. This process has contributed on thinking about motor possibilities for babies in kindergarten/school environments, shown that proposes like that are possible and easy to be adapted.

Keywords: Physical Education. Early Childhood Education. Pedagogical Environment. Nurseries.

INTRODUÇÃO

Estudos demonstram que atividades motoras de bebês não são privilegiadas na rotina diária de estabelecimentos educacionais, provavelmente pelo déficit teórico e também pela falta de infraestrutura física adequada que potencialize estas intervenções (SOARES; PRODÓCIMO; DE MARCO, 2016; DE BARROS et al., 2003; ROSEMBERG, 2003). Entre os fatores de risco ao desenvolvimento neuromotor de bebês, potencializados por tal lacuna pedagógica estão a utilização de brinquedos inadequados para a idade, a falta de orientação pedagógica e a inadequação do local onde os(as) bebês permanecem durante a maior parte do dia (DE BARROS et al., 2003).

Essa situação torna-se potencialmente prejudicial ao desenvolvimento dos(as) bebês ao se considerar que o número de responsáveis/famílias que procuram instituições de Educação Infantil (EI) vem crescendo rapidamente (LIMA; BHERING, 2006). Estima-se que os(as) bebês permaneçam nesses locais por aproximadamente 12 horas diárias, voltando para o convívio dos responsáveis/da família somente no período noturno.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998) aponta que em muitas instituições os(as) bebês passam a maior parte do dia em berços, o que pode limitar as oportunidades de exploração do ambiente e de interação com as outras crianças e educadores(as). Isto ocorre, pois, como afirma Lima e Bhering (2006), preparar ambientes para bebês tem sido um desafio. Segundo Rosemberg (2003), no Brasil, os ambientes físicos destinados à EI ainda são inadequados, com organização precária, situações de confinamento, entorno degradado, ausência de brinquedos, rotinas inflexíveis e uso abusivo da televisão.

Embora existam marcos motores e cognitivos que indiquem a idade aproximada de desenvolvimento das habilidades dos(as) bebês, o desenvolvimento ocorre, prioritariamente, em virtude do interesse que o(a) bebê manifesta pelo mundo à sua volta. Esse comportamento se deve à necessidade de comunicação demonstrada desde os primeiros meses de vida. Desta forma, entendendo que os(as) bebês permanecem considerável tempo do dia em instituições educacionais, inferimos a relevância de debates sobre as influências que estes espaços podem exercer sobre o desenvolvimento.

Na EI, as crianças adquirem a base para a formação pessoal e social, a partir da interação com diferentes culturas e valores. Com isso, se adequam a várias formas de expressão e de comunicação e se apropriam do movimento do seu próprio corpo (GARANHANI, 2008). Segundo Garanhani (2008), o corpo em movimento constitui a matriz básica da aprendizagem infantil. Porém, na prática, o que normalmente se encontra são raros momentos dedicados às atividades motoras, como pontuam Soares, Prodócimo e De Marco (2016) em estudo no qual ficou evidenciado que a instituição participante destinava em média 62 minutos diários para a prática de atividades que poderiam envolver tarefas motoras.

Para De Marco (2010), as propostas de atividades físicas específicas para uma determinada população exigem domínio sobre os benefícios e metodologias a serem adotadas para que os resultados obtidos sejam satisfatórios e atinjam os objetivos propostos. Estes conhecimentos são fundamentais para proporcionar vivências suficientemente eficazes para auxiliar o desenvolvimento integral da criança, envolvendo os aspectos cognitivo, afetivo, motor e social. Para isto, cabe aprofundar os estudos relacionados aos espaços destinados ao movimento na EI.

A literatura acadêmica indica que ainda é necessário à EF conquistar seu lugar na rotina das instituições de EI como uma prática de valor pedagógico (DE MARCO, 2010; SOARES; PRODÓCIMO; DE MARCO, 2016), apesar de ser constatado o reconhecimento das intervenções dos(as) profissionais de EF pelas(os) educadoras(es) de EI. Embora existam diversas vertentes epistemológicas e teorias pedagógicas que auxiliem na compreensão da integração da EF na EI, essas raramente se referem às práticas pedagógicas em si, principalmente quando tratam de um grupo tão específico como os(as) bebês. Concomitantemente, diversos questionamentos são levantados pelas(os) educadoras(es), especialmente com relação aos movimentos devem ser incentivados para os(as) bebês, o momento ideal para realizar tal ação e como realizar estas da melhor maneira possível, além de aspectos relacionados à segurança dos(as) bebês ao realizarem diferentes movimentos corporais, o que motiva e justifica esse estudo.

Fundamentada neste contexto, esta pesquisa tem o propósito de demonstrar o processo de elaboração e instalação de um espaço que visa o incentivo à movimentação de bebês no ambiente da EI. Essa proposta foi denominada projeto “Cri Cri - Espaço para a Criança Criar” e visa construir salas para a prática de atividades motoras de maneira segura, respeitando as etapas do desenvolvimento, oferecendo oportunidades para maior exploração do corpo e ampliação do potencial sensorio-motor dos(as) bebês, com ênfase nos movimentos corporais. Assim, reitera-se que o intuito para a instalação da Sala Cri Cri, apresentada neste

estudo, não é a de substituir outros materiais e espaços, mas sim proporcionar novas alternativas para as vivências motoras dos(as) bebês e incentivar a utilização de materiais complementares, além das atividades já existentes na instituição de EI.

Figura 1 - Logotipo e visão geral da Sala Cri Cri.



Fonte: autoria própria.

Até o presente momento, a referida sala foi instalada em quatro unidades do Centro de Convivência Infantil (CECI) - berçário, maternal e pré-escola - localizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Especificamente neste estudo, será analisado e debatido o espaço inaugurado no CECI Berçário, em janeiro de 2016, o qual atende bebês de seis a 18 meses.

MÉTODO

Este estudo se configura como sendo de natureza qualitativa e descritiva, constituindo-se como uma pesquisa-ação (TRIPP, 2005). Os dados foram registrados com a utilização de Diário de Campo (FARIA JUNIOR, 1987) e com captação de imagens (WALTON, 1984). O projeto foi elaborado de acordo com as normas éticas do CONEP e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, sob o parecer nº 937.801/2014.

Os participantes deste estudo constituíram um grupo de 67 bebês de seis a 18 meses, 20 professoras e a coordenação da escola. Houve também a participação da equipe de “educadores(as) não docentes” (cozinheiras, atendentes, faxineiras, vigilantes) em reuniões de planejamento, pois essa equipe participa ativamente da rotina diária e conseqüentemente acompanha as atividades dos(as) bebês.

A pesquisa ocorreu no período de janeiro a dezembro de 2016, sendo composta de três etapas: planejamento, instalação e realização das atividades. Na etapa de planejamento, realizou-se a escolha dos materiais e adequação desses de acordo com a faixa etária e características dos(as) bebês, tendo em vista aspectos de segurança, funcionalidade e higiene. Em acréscimo, nessa fase, o pesquisador responsável passou a frequentar o ambiente do berçário regularmente, visando observar o contexto geral da instituição e de cada turma. Este período foi necessário também para que os(as) bebês se familiarizassem com a presença do pesquisador (presença masculina), pois, frequentemente, as instituições de EI apresentam maciça presença de mulheres docentes (VIANNA, 2013), motivo pelo qual nos referimos sempre à denominação de **educadoras**.

A etapa de instalação dos materiais foi realizada com o auxílio financeiro do Programa “Novos Talentos”, da Diretoria de Educação Básica (DEB) da CAPES, processo nº 1425/2013. Os materiais foram alocados em uma sala de 20,65m², disponibilizada pela instituição para ser utilizada por este projeto e ter instalação permanente, com adequada iluminação e ventilação.

Em seguida, foram planejadas as atividades a serem desenvolvidas neste espaço. Essas tiveram como objetivo testar as possibilidades do mesmo e verificar a funcionalidade dos materiais, assim como realizar adequações que se mostrassem necessárias. As atividades foram planejadas para terem duração de 30 minutos. Este momento também foi importante para contribuir e ampliar as possibilidades de atuação pedagógica das educadoras e pesquisadores(as) neste espaço específico, que representou inovação para a instituição.

Durante todo o processo, foram realizadas reuniões de planejamento pedagógico em parceria com a equipe pedagógica do berçário, buscando analisar, discutir, reavaliar e organizar o mesmo, de acordo com os pilares da pesquisa-ação (TRIPP, 2005).

ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a fase de planejamento, inicialmente, pensou-se em três aspectos para a escolha dos materiais: segurança, higiene e funcionalidade. Em outras palavras, houve a preocupação em evitar acidentes e disseminação de doenças, priorizando materiais macios e de fácil higienização.

A funcionalidade foi o fator decisivo para a escolha dos materiais. Os(as) bebês de seis a 18 meses apresentam como principais marcos motores as habilidades de rastejar, engatinhar e andar, consideradas como formas de deslocamento (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2001). Nessa fase, a atividade de engatinhar e andar com controle próprio e sem a necessidade de auxílio e colocar-se na posição bípede indicam a necessidade de apoios no ambiente. Outro marco motor é a manipulação de objetos, esperada para iniciar-se por volta dos cinco meses, quando os(as) bebês já exercitam os movimentos de alcançar e agarrar os objetos que estão ao alcance de suas mãos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2001). Com isso, o planejamento da Sala Cri Cri tomou como base o movimento dos(as) bebês em três principais funcionalidades: deslocamentos (rastejar, engatinhar e andar), apoios (para sentar, levantar e ficar em pé) e manipulação de objetos (alcançar, agarrar e executar o movimento de pinça com polegar e indicador).

Durante o estudo, observamos que os(as) bebês apresentavam maior interesse em interagir com materiais e brinquedos com cores vivas e vibrantes, além de serem facilmente atraídos(as) por materiais com texturas que diferiam daquelas com as quais já estavam habituados. Assim, para compor a sala, foram incluídos materiais de cores e texturas diversificadas, visando proporcionar motivação, despertar a curiosidade e promover prazer para a execução dos movimentos pelos(as) bebês.

Em relação às cores, a primeira iniciativa, na fase de instalação, no sentido de ampliar a ludicidade do espaço, consistiu na colocação de um painel na maior parede da sala, com a temática de floresta e de animais. Este tema foi escolhido pois é constituído por elementos que os(as) bebês do berçário já estavam habituados e, especialmente, pois essa temática pode favorecer atividades e incentivar a exploração de diferentes formas de movimento.

Com relação a disposição dos materiais na sala, as educadoras consentiram sobre a possibilidade de potencializar a interação visual entre educadoras e bebês ao distribuir os materiais na sala em formato circular. Assim, a sala assemelha-se a um circuito, no qual não há um começo nem um final ou uma sequência linear, mas propostas de caminhos a serem realizados, o que facilita a segurança das atividades e a proposição, mesmo que não direcionada, de novos desafios motores. Esta perspectiva é inspirada por Post e Hohmann (2003), que incentivam que as educadoras atribuam uma postura de proximidade com as crianças, rompendo com uma visão autoritária. Desta forma, os movimentos partem principalmente da iniciativa dos(as) próprios(as) bebês como protagonistas, atribuindo graus de sensibilidade às educadoras.

Ainda, Papalia, Olds e Feldman (2001) afirmam que o desenvolvimento motor é considerado um processo sequencial e contínuo, pelo qual o ser humano adquire uma vasta quantidade de habilidades motoras, que progridem de movimentos simples e desorganizados para a execução de habilidades motoras altamente organizadas e complexas. Assim, houve também a preocupação de que as vivências dos movimentos e exploração dos materiais partissem de movimentos mais fáceis e simples para movimentos mais difíceis e mais complexos, proporcionando novos desafios para os(as) bebês.

Os materiais da sala e suas quantidades podem ser observados abaixo, no Quadro 1:

Quadro 1 - Materiais da Sala Cri Cri - Espaço para a Criança Criar.

Material	Funcionalidades	N
Almofadas onduladas, quadradas, triangulares e paralelepípedos	Deslocamento e Apoio	4
Bola de Pilates redonda e/ou no formato de amendoim	Apoio	4
Rolos de diferentes tamanhos	Apoio	6
Bola em suspensão	Manipulação de objetos	1
Bolas plásticas	Manipulação de objetos	21
Bolas de tênis	Manipulação de objetos	9
Jump (Trampolim de academia)	Apoio	1
Painéis sensoriais	Manipulação de objetos	2
Túnel colorido	Deslocamento	1
Placas Tatame de EVA	Segurança	30

Legenda: N: Número de objetos na sala. Fonte: autoria própria.

Assim como descrito no Quadro 1, os materiais foram escolhidos de acordo com as funcionalidades principais que podem incentivar e suas potencialidades plásticas. Da mesma forma, a quantidade de cada um dos objetos foi pensada de forma a dinamizar as atividades na sala e proporcionar a livre exploração dos(as) bebês, inclusive em momentos de compartilhamento dos materiais. A seguir, faremos a explicação de cada um dos aparelhos citados, justificando sua escolha:

a) Almofadas onduladas, quadradas, triangulares e paralelepípedos

Para bebês que ainda rastejam, as almofadas onduladas podem ser utilizadas para estimular a força dos membros superiores e inferiores, pois suas formas irregulares funcionam como obstáculos que obrigam os(as) bebês a realizarem mais força para se locomoverem. No caso dos(as) bebês que engatinham e/ou já andam, estes materiais podem ser utilizados para a estimulação do equilíbrio, pois as formas irregulares tornam o chão instável, obrigando os(as) bebês a buscarem a estabilização corporal. Além disso, as almofadas onduladas podem ser utilizadas para elaborar circuitos pedagógicos de diversas configurações.

Já as almofadas quadradas e triangulares e paralelepípedos de diferentes tamanhos e cores podem ser utilizados para a elaboração de circuitos pedagógicos para proporcionar a estimulação de diversos movimentos, como deslocar-se contornando as formas geométricas, apoiar-se pelo abdômen em diferentes apoios e mesmo realizar movimentos de rolamento (semelhantes a “cambalhotas”), auxiliados(as) pelas educadoras.

Por serem materiais de maior estrutura e que levam certo tempo para serem superados como obstáculos, quatro unidades de variadas formas e alturas foram consideradas suficientes para compor a sala, inclusive pois, ao exigirem certa atenção das educadoras, uma quantidade maior poderia ser um problema de segurança. Esse fator foi bastante salientado pelas educadoras, que afirmaram ainda estar se acostumando com essas possibilidades pedagógicas.

b) Bola de Pilates redonda e em formato de amendoim

Estes materiais podem ser utilizados para a estimulação das musculaturas dorsal e abdominal e para o desenvolvimento de bilateralidade, pois quando o(a) bebê é colocado(a) sobre a bola de Pilates ou ainda sobre o amendoim, busca por estabilidade, gerando um ajuste corporal constante. As posições podem ser variadas, como decúbito dorsal, decúbito ventral, sentada, em pé e “cavalinho” (com um pé de cada lado da bola ou amendoim). Os(as) bebês também podem ser estimulados(as) a interagir com a bola (bater, chutar) de acordo com as particularidades da sua fase de desenvolvimento. Estes são materiais de fácil acesso, especialmente a bola de Pilates, que já se encontra à venda em diferentes estabelecimentos de comércio de materiais esportivos.

Com relação à quantidade adotada, ressaltamos o mesmo argumento já demonstrado para as almofadas, com relação à segurança das educadoras. Além disso, especialmente quando colocados(as) em decúbito dorsal, a maioria dos(as) bebês demonstrou certo desconforto, razão pela qual deve-se manter o máximo de contato visual entre adultas(os) e bebês. Assim, a quantidade de materiais não deve extrapolar sobremaneira o número de educadoras(es) presentes.

c) Rolos de diferentes tamanhos

De forma semelhante às outras bolas, partir de diversos movimentos realizados, os rolos podem estimular e auxiliar no fortalecimento da musculatura de membros superiores e inferiores, no alongamento da coluna e do abdômen, e na integração da musculatura bilateral do(a) bebê. Os(as) bebês podem ser colocados(as) em decúbito dorsal, em decúbito ventral e sentados(as) com uma perna de cada lado simulando um “cavalinho”. Além disso, os rolos são materiais interessantes para a realização de balanços, que proporcionam sensações de mudança de apoios, de contato visual, de equilíbrio e mesmo outras cinestésicas relacionadas ao tato, o que constituem novos desafios e sensibilidades. Além disso, quando em posição vertical, os rolos podem ser obstáculos a serem contornados em deslocamento ou utilizados como apoio para a posição em pé.

Por serem mais facilmente explorados, principalmente quando utilizados como obstáculos, consideramos interessante uma quantidade maior de rolos a almofadas ou bolas grandes, sendo estes seis na sala construída.

d) Bola em suspensão

Este material é composto por uma leve bola de retalhos de tecidos coloridos, como de futebol de diferentes gomos, presa ao teto por um cordão de *nylon*. Esta bola, que permanece em balanço na sala, é bastante chamativa e é comumente bastante explorada pelos(as) bebês, que espontaneamente buscam

agarrá-la ou balançá-la, permanecendo em estado de atenção. Os(as) bebês podem ser estimulados(as) ainda a interagir com a bola realizando movimentos de puxar e soltar, arremessar, chutar, beliscar, abraçar, segurar e rebater, favorecendo pequenos e grandes movimentos de manipulação de objetivos. Por estar suspensa e, embora baixa, longe do chão, essa bola auxilia os(as) bebês a buscarem equilibrar-se em posição em pé, também contribuindo para o fortalecimento da musculatura dos membros inferiores e alongamento corporal. Outra importante função dessa bola suspensa é a socialização. Por estar móvel, pode ser arremessada de um(a) bebê para outro(a) ou para educadores(as) e assim permanecer um objeto compartilhado e de favorecimento de comunicação verbal, com diferentes atividades a serem estabelecidas. Dessa forma, foi considerado que, para turmas pequenas, uma unidade desse material é suficiente para o desenvolvimento das atividades propostas.

Ressaltamos que esse material, embora de fácil aquisição ou confecção, pode ser substituído por balões infláveis (bexigas) para mesma função. A utilização de vários balões de diferentes cores e tamanhos em uma sala pode ser uma alternativa interessante de atividade, apesar do risco de alguns balões estourarem, o que pode causar medo em bebês e crianças pequenas.

e) Bolas plásticas e bolas de tênis

Estas bolas, por serem menores, são normalmente utilizadas de forma individual, razão pela qual foram utilizadas em maior número. Além disso, como é comum que os(as) bebês nessa fase arremessem os materiais, um número razoável de bolas favorece com que atividades motoras sejam realizadas, sem que haja um tempo grande dispendido pelas educadoras em buscá-las a todo momento. As bolas plásticas e de tênis são adequadas para o incentivo à manipulação de materiais e favorecem os movimentos de agarre e de pinça, auxiliando no desenvolvimento da motricidade fina. Além disso, os(as) bebês podem ser estimulados(as) a interagir com as bolas de diversas formas, com ações como bater e chutar, de acordo com as particularidades da sua fase de desenvolvimento e incentivando também a motricidade grossa. Ademais, as bolas individuais podem ser utilizadas para estimulação cinestésica, a partir do toque ou de massagens em diferentes partes do corpo.

Uma atenção importante a esses materiais é a higiene, pois, como pequenos, são constantemente levados à boca e podem ser contaminados. Da mesma forma, cautela especial deve ser tomada na compra dos materiais, pois devem ser específicos para utilização com bebês e crianças e não conter peças pequenas que possam ser engolidas ou aspiradas, bem como serem de tamanho suficientemente grande.

f) Jump (trampolim de academia)

O *jump*, bem como a bola de Pilates, é um material esportivo específico da área da Educação Física, mas que pode ser facilmente adquirido. Consiste em um trampolim utilizado para Ginástica de academia, que possui uma circunferência de metal preenchida por uma cama elástica e três ou quatro pés que o mantêm fora do chão.

Por apresentar uma superfície elástica, o *jump* é um material diferente e que foi adotado nesse projeto por favorecer uma sensação específica de balanço em posição vertical (em pé ou sentada) e que exige a força de membros inferiores para ser acionado individualmente. O material também incentiva a realização de impulsos, que serão utilizados posteriormente nas habilidades de saltar. Por fim, o *jump* é um material que exige, ao menos para os bebês pequenos, o contato visual e físico com um(a) educador(a), o que proporciona a comunicação e, logo, o desenvolvimento.

Primeiramente, os(as) bebês podem ser colocados(as) próximos(as) ao trampolim para tocarem, sentirem as diferentes texturas e temperaturas e para que não estranhem tanto o objeto. Em seguida, o(a) bebê pode ser colocado(a) sentado(a) sobre a superfície e o(a) educador(a) pode balançar e afundar delicadamente o tecido do *jump*, fazendo o movimento de subida e descida. Para os(as) bebês com um pouco mais de sustentação dos membros inferiores, a vivência pode ter mais uma etapa, na qual o(a) bebê é colocado(a) de pé segurando a mão de um(a) adulto(a). Neste caso, os(as) bebês devem ser estimulados(as) a realizar o movimento de saltito por iniciativa própria.

Esse material precisa ser utilizado com atenção redobrada, pois, diferentemente dos outros, apresenta partes duras em sua estrutura e por isso deve ser guardado em local adequado após seu uso.

g) Painéis sensoriais

Os painéis de diferentes texturas consistem em adaptações de “tapetes sensoriais”, confeccionados pelos(as) pesquisadores(as) com materiais de papelaria e de fácil adaptação. Têm como objetivo proporcionar aos(às) bebês uma vivência na qual possam sentir os mais diversos tipos de texturas possíveis pelo tato com as mãos e, dessa forma, há um grande incentivo ao desenvolvimento da motricidade fina.

Assim, foram confeccionados com figuras e cores para estimular a curiosidade e tentar chamar e prender a atenção dos(as) bebês, especialmente a partir de cenários convencionais, como o mar, a floresta e a casa. Por exemplo, foi desenhada uma lua feita de barbantes e foi desenhado um barco feito com lixa de parede sobre um mar pintado. Essa configuração auxilia, além do aspecto motor, a comunicação e a contação de histórias, favorecendo o aspecto lúdico e a aquisição de vocabulário pelas crianças, atividade que as educadoras do espaço estavam acostumadas e são bastante capacitadas a desenvolver. Estes painéis podem ser utilizados em quantidade conveniente à turma e podem, inclusive, comporem circuitos motores, que os(as) bebês devem completar para terem acesso.

Além disso, houve a preocupação e o cuidado com a segurança e saúde dos(as) bebês e, por isso, foram utilizados materiais que não se desprendessem e que não fosse possível que os(as) bebês engolissem. Por exemplo, ao invés de utilizar algodão foram utilizados tules e ao invés de utilizar bolinhas soltas foram utilizadas bolinhas que são presas por um cordão.

h) Túnel colorido

Com o intuito de proporcionar aos(as) bebês um espaço desafiador para deslocamento e também ressaltar a motricidade do engatinhar, foi escolhido um túnel para compor o espaço. Tal material pode ser encontrado pronto no mercado ou ainda ser confeccionado, modo como o qual foi feito para este projeto. O túnel em questão foi confeccionado com flutuadores de piscina (“macarrões”) cortados ao meio e presos em sequência por suas extremidades em uma placa de EVA. Assim, os(as) bebês puderam encontrar um ambiente desafiador e criativo para a realização de deslocamentos e, para os(as) bebês maiores, um espaço a ser escalado e transposto.

O fato de ser um obstáculo desconhecido e pela relação entre luz e sombra e de espaço visível e objetivo não visível pelos(as) bebês fez com que as educadoras destacassem esse material como um incentivo às descobertas e a coragem. Por ser um objeto grande, uma unidade do túnel foi considerada suficiente para o tamanho da sala do projeto, embora outras poderiam auxiliar na composição de circuitos.

i) Placas Tatame de EVA

Por fim, as placas de EVA foram utilizadas para revestir toda a sala e evitar o impacto de possíveis quedas. Além desta questão relacionada à segurança, bastante citada e pedida pelas educadoras participantes, a utilização do revestimento em EVA também favorece o conforto dos(as) bebês, que podem engatinhar, rastejar, rolar e andar sem o desconforto de outras superfícies. Assim, sentem-se convidados(as) à movimentação e, além disso, fica restrita às educadoras a iniciativa de incentivar diferentes sensações aos(as) bebês quando pedagogicamente programadas, com a utilização de outros tapetes e mesmo dos painéis sensoriais.

Figura 2 - Atividades com bolas e rolos, *jump*, painéis sensoriais e túnel.



Fonte: autoria própria.

Cabe ressaltar que tais materiais utilizados na composição da sala não precisam ser disponibilizados igualmente em todos os dias, podendo ter sua posição modificada ou mesmo serem guardados, de acordo com o objetivo pedagógico de cada momento (SOARES; PRODÓCIMO; DE MARCO, 2016). Dessa forma, sempre haverá um desafio a ser superado e, ao mesmo tempo, revisitado pelos(as) bebês, tornando o ambiente mais interessante.

A terceira fase estabelecida pela pesquisa constituiu no planejamento pedagógico das atividades e sua execução. Tais atividades foram realizadas de forma a minimizar alterações na rotina da instituição, ou seja, horários e escalas, reuniões pedagógicas, períodos de estudos das educadoras (cursos extracurriculares de formação continuada) e momentos de cuidado (alimentação, troca de fraldas, banhos, período de sono, dentre outras necessidades) não foram alterados em virtude da utilização deste novo espaço. Além disso, as atividades foram realizadas em horários específicos para que não coincidisse com momentos imediatamente posteriores às refeições, nem momentos muito próximos ao descanso, visando evitar mal-estar dos(as) bebês. Nesse sentido, Post e Hohmann (2003, p. 201) defendem que para as educadoras organizarem uma rotina pensada para os(as) bebês, é preciso que elas “veja(m) o dia através dos olhos” dos(as) bebês, pois só assim estarão aptas para atender as suas verdadeiras necessidades. Ressalta-se que o intuito da sala é o de complementar os outros espaços e atividades da instituição de EI. Por isso, as educadoras tinham a total liberdade de utilizar este espaço para realizar atividades diversas com os(as) bebês.

Outro aspecto observado no estudo se refere à importância da sequência pedagógica adotada em cada vivência. Por exemplo, se a educadora apenas colocasse o(a) bebê sobre os equipamentos, ele(a) certamente se mostraria inseguro(a), podendo, em alguns casos, manifestar a resposta de choro ou adquirir aversão ao material ou até mesmo desistir completamente de realizar a vivência. Para evitar constrangimentos, a estratégia que se mostrou mais adequada, consistiu, primeiramente, em deixar que o(a) bebê se adaptasse ao novo ambiente, para em seguida realizar-se a aproximação entre o(a) bebê e o material por meio de música, histórias, falas e vozes acolhedoras ou outras maneiras que se mostrem atrativas. Assim, foi proposto que as educadoras olhassem, observassem, e sentissem os(as) bebês, “aprendendo a respeitar seus ritmos e suas cadências, de forma a não se deixarem levar pela voracidade de uma rotina que automatiza ações e homogeneiza pessoas” (TRISTÃO, 2004, p.5).

É importante que o(a) bebê passe pelo processo de tocar o material para sentir as diferentes texturas e temperaturas possíveis, e, assim se familiarizar com o material e atestando que esse não se constitui em ameaça. Após esta etapa, o(a) bebê pode ser colocado(a) em pé próximo aos materiais e, em seguida, pode ser posicionado(a) sentado(a) sobre o mesmo. Na sequência, o(a) bebê pode ser motivado(a) a realizar movimentos, enquanto as educadoras mostram suas possibilidades de deformação (afundamento dos colchões ou impulsão, no caso específico do mini *jump*), com cuidado para não assustar ou não comprometer a segurança do(a) bebê. Em alguns casos, quando o(a) bebê percebe a tensão dos materiais, começa a realizar movimentos simultaneamente com a ação da educadora. Em contrapartida, quando um bebê demonstra desinteresse ou medo por uma determinada etapa de alguma vivência, é importante não avançar com a proposta ou até mesmo retroceder. Desta forma, o trabalho pedagógico foi pontuado pela sutileza das ações presentes nas relações entre educadoras e bebês. Estas atitudes nem sempre são percebidas dentro da rotina diária, mas são determinantes e implicam na percepção das educadoras em relação à cada um dos(as) bebês (TRISTÃO, 2004).

No viés comportamental, os(as) bebês, por vezes, apresentaram características bem diferentes, como era esperado. A personalidade de cada um, bem como suas relações com os diferentes ambientes na escola, em contexto familiar ou ainda as outras oportunidades de movimento a que são apresentados(as) influenciou em demasia na relação com a sala. Da mesma forma, as diversas relações sociais a que os(as) bebês são sujeitos(as) também teve relação com a exploração da sala, com o encorajamento e o chamado de cuidado feito pelas educadoras e pelos(as) pesquisadores(as). Isso pode ser explicado pela teoria de Henri Wallon, que afirma que a construção da personalidade dos(as) bebês se efetiva nos primeiros anos de vida e que a base desse desenvolvimento se segue para a infância, adolescência, juventude e vida adulta, e que a construção da personalidade está diretamente relacionada com o convívio com a família, com as educadoras e com o meio externo (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010). Sendo assim, é importante, na elaboração de um planejamento e na realização das vivências, elaborar estratégias para tornar a vivência atrativa para todos os(as) bebês atendendo as suas características individuais, tendo o cuidado também com o seu desenvolvimento emocional saudável. Assim, no planejamento e na realização das atividades, a sala foi de suma importância para oferecer, especialmente aos(as) bebês com menos oportunidades de movimentação e relações sociais, ambiente seguro para o desenvolvimento motor e pleno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os(as) bebês são muito criativos(as) e curiosos(as), e, por isso os espaços e os materiais dedicados a nessa faixa etária devem ser pensados, confeccionados e organizados com cores e sons e de acordo com suas potencialidades, sem desprezar os aspectos de segurança. Dessa forma, o ambiente ao mesmo tempo acolhedor, acolhedor e desafiador pode auxiliar no desenvolvimento de bebês em ambiente escolar.

É neste contexto que a Sala Cri Cri se efetivou como um ambiente complementar aos outros espaços e às atividades realizadas do berçário.

A presença do pesquisador responsável, professor de Educação Física, se mostrou eficaz para a promoção de novas oportunidades e vivências para os(as) bebês, considerando a importância da utilização de um local específico para essa finalidade. Por isto, inferimos que este espaço e as ações realizadas permitiram contribuir com o desenvolvimento integral dos(as) bebês, repercutindo também para que as educadoras adquirissem novas experiências e conhecimentos, proporcionando para elas mais autoconfiança e autonomia no que diz respeito às vivências motoras. É nesse contexto que a participação do professor de Educação Física pode ser considerada importante no processo de desenvolvimento dos(as) bebês, pois os conhecimentos dessa área se mostraram fundamentais para proporcionar vivências prazerosas e integradas entre os professores especialistas e as demais educadoras. Assim, como sugere De Marco (2010), o professor de Educação Física auxilia no processo do desenvolvimento integral dos(as) bebês. Essa intervenção permitiu que fossem obtidos resultados positivos, atingindo assim os objetivos traçados a partir da orientação na escolha dos materiais adequados, na elaboração, organização e execução do planejamento pedagógico com vivências motoras, e na mediação durante a realização destas.

A Educação Física pode proporcionar aos(as) bebês na EI experiências de movimentos que permitam que estabeleçam e desenvolvam sua própria relação com a cultura do movimento, experimentando os diversos sentidos e significados do movimento humano por meio da ampliação de suas experiências e práticas corporais concretas no ambiente da creche. Em outras palavras, verificamos neste estudo que o profissional de Educação Física, mesmo quando não interagia diretamente com os(as) bebês, atuou como agente provocador e desafiador na busca de novas estratégias para os movimentos. Ao mesmo tempo, promoveu para as educadoras a aquisição de novas experiências e conhecimentos, que podem ser incluídas nos próximos planejamentos pedagógicos da instituição participante, graças a estratégia interdisciplinar adotada.

Além disso, inferimos que este estudo se constitui como incentivo e referência para futuras pesquisas relacionadas com a construção e utilização de ambientes para a prática de vivências lúdicas e seguras para bebês e também outros estudos relacionados à interdisciplinaridade entre a Educação Física e as demais áreas de formação profissional para a EI, principalmente com a área pedagógica. Reconhecemos que, embora tenham participado deste estudo 67 bebês, são necessárias mais pesquisas com a ampliação da amostra analisada, a fim de possibilitar outras questões acerca deste tema tão relevante para o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – volume 2**. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- DE BARROS, K.M. et al. Do environmental influences alter motor abilities acquisition? A comparison among children from day-care centers and private schools. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, v.61, p.170-175, 2003.
- DE MARCO, A. Crescimento e desenvolvimento infantil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** v. 09, p. 18-20. 2010. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/viewFile/2831/2507>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- FARIA JUNIOR, A.G. de et al. **Prática de ensino em Educação Física: estágio supervisionado**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- GARANHANI, M.C. A Educação Física na Educação Infantil: uma proposta em construção. In: ANDRADE FILHO, N.F. de; SCHNEIDER, O. **Educação Física para a Educação Infantil: conhecimento e especificidade**. São Cristóvão: UFS, 2008.
- GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **O projeto de reforma do ensino Langevin-Wallon e a psicologia escolar**. Recife: Massangana, 2010.
- LIMA, A.B.R.; BHERING, E. Creche Como Contexto de Desenvolvimento: Um Estudo Sobre o Ambiente de Creches em Um Município de SC. In: **Anais... REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 29., 2006, Caxambu. Caxambu: Anped, 2006. p.1-2. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-2670.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2019.
- PAPALIA, D.; OLDS, S.; FELDMAN, R. **O mundo da criança**. 8.ed. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

POST, J.; HOHMANN, M. **Educação de bebês em infantários** – cuidados e primeiras aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ROSEMBERG, F. Panorama da educação infantil brasileira contemporânea. **Anais... SIMPÓSIO EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO O PRESENTE**. Brasília: UNESCO, p. 33-82, 2003.

SOARES, D.B.; PRODÓCIMO, E.; DE MARCO, A. O diálogo na Educação Infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física. **Movimento**. v.22, n.4, p.1195-1208, out./dez. 2016.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v.31, n.3, p.443-466, 2005.

TRISTÃO, F.C.D. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. **Zero-a-Seis**, v.6, n.9, p.1-14, 2004.

VIANNA, C.P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, S.C. (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, p.159-180, 2013.

WALTON, K.L. Transparent Pictures: On the Nature of Photographic Realism. **Critical Inquiry**. v.11, n.2, p.246-277, dec. 1984.

Órgão de fomento: Programa “Novos Talentos”, Diretoria de Educação Básica (DEB) da CAPES, processo nº 1425/2013.

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
Av. Érico Veríssimo, 701
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, Barão Geraldo
Campinas/SP
13083-851